

últimos também questionam a lógica do espaço, buscando outras possibilidades de experiência. Só que para os situacionistas a errância era de fato uma prática revolucionária e consciente, não somente investigações poéticas, mas um projeto para um novo urbano.

Aulete [8] apud Baker, conta que “a psicogeografia esteve muito em voga nos anos 1990 em Londres. Foi originada nos anos 1950 pelo grupo avant-garde revolucionário francês, primeiramente chamado Letristas e depois Situacionistas”. Ela é a prática geográfica afetiva (cartografia emocional) e subjetiva que se propunha a cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas pelas caminhadas urbanas (o perder-se) que eram as derivas situacionistas. Essa ação do caminhar foi experimentada durante todo o início do século passado como forma de anti-arte. Em 1921, o movimento dadá organizou em Paris uma série de ‘visitas-excursões’ aos lugares banais da cidade: foi a primeira vez que a arte rejeitou os lugares célebres para reconquistar o espaço urbano. Segundo Careri [9]:

A visita é um dos instrumentos escolhidos pelo dada para realizar aquela superação da arte que será o fio condutor para a compreensão das vanguardas sucessivas. Em 1924, os dadaístas parisienses organizam uma errância em campo aberto. Descobrem no caminhar um componente onírico e surreal, e definem esta experiência como uma deambulação, uma espécie de escrita automática no espaço real, capaz de revelar as zonas inconscientes e o suprimido da cidade. No início dos anos cinquenta, a Internacional Letrista, contestando a deambulação surrealista, começa a construir aquela teoria da deriva que, em 1956, em Alba, entrará em contato com o universo nômade. Em 1957, Constant projeta um acampamento para os ciganos de Alba, ao passo que Asger Jorn e Guy Debord fornecem as primeiras imagens de uma cidade fundada sobre a dérive. A deriva urbana lettrista transforma-se em construção de situações experimentando comportamentos lúdico-criativos e ambientes unitários. Constant reelabora a teoria situacionista para desenvolver a idéia de uma cidade nômade – New Babylon –, levando o tema do nomadismo ao âmbito da arquitetura e fornecendo as raízes às vanguardas radicais dos anos seguintes.

A leitura da cidade atual, do ponto de vista da errância, baseia-se nas transurbâncias conduzidas pelo grupo Stalker em algumas cidades européias, a partir de 1995. “Perdendo-

se no meio das amnésias urbanas, o Stalker encontrou aqueles espaços que o dadá definira banais e aqueles lugares que os surrealistas definiram como o inconsciente da cidade” [10].

Geralmente, a bibliografia de design trata do tema de forma convencional. Haslam [11], por exemplo, traz uma detalhada explicação sobre a representação cartográfica do espaço, relacionando diferentes tipos de projeções e atrevendo-se apenas a relacionar o espaço de forma mais subjetiva através de diagramas – como alguns bem resolvidos exemplos de diagramas de metrô pelo mundo.

Lidwell et al [12] apresentam instruções sobre como organizar informação nova a partir de informação conhecida, traçando uma série de parâmetros para influenciar na percepção e ensinar através no design.

Ferreira & Simões [13], falam da geografia do comportamento e da percepção, que se baseia em duas premissas fundamentais: “o homem possui imagens mentais do meio e há possibilidade de as medir adequadamente; existe uma forte relação entre essa imagem mental do meio e o comportamento no mundo real”. Ora, aí eles dão pistas de que a construção de um atlas subjetivo pode ter uma reação bem prática no cotidiano, influenciando as atitudes e a postura social.

O documento gráfico constitui-se de uma seleção arbitrária de pontos de vista pessoais, mas significativos, de elementos que o indivíduo considera importantes na sua cultura. Num olhar mais atento, no entanto, estas observações pessoais podem ser consideradas menos aleatórias do que inicialmente poderia julgar-se.

Cada impressão individual no atlas é urgente em seu próprio direito, pois pretende expor as consequências de mudanças políticas, discretamente, de forma implícita, e não como um objetivo em si mesmo. Detalhes podem vir a conter um grande significado. As conexões incomuns feitas no inventário visual pretendem revelar fatos que normalmente permanecem invisíveis, especialmente os ligados aos fenômenos sociais. O diálogo cultural que surge entre as várias impressões coloca a experiência pessoal em um contexto mais amplo.

O atlas subjetivo pretende ser uma resposta humanista à crescente simplificação do